



VARIAÇÃO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA CIDADE DE GOIÁS

Patrícia Mendanha Bernardes (UEG)¹
patriciabernardes@yahoo.com.br

Marília Silva Vieira (UEG)²
vieirasmarilia@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, é desenvolvida uma análise variacionista do pronome de segunda pessoa *você* e sua variante *cê*, na Cidade de Goiás, Patrimônio Mundial da Humanidade e antiga capital do estado, a cerca de 140 km de Goiânia. Recorreu-se às pesquisas de Labov (1972; 2006), como aporte teórico, e às de Faraco (1996), Nascimento (2011, 2006, 2008a, 2008b, 2009), Vitral (1996) e Scherre (2010-2013), para cotejar resultados sobre a variável em questão em outras comunidades de fala do Brasil. O *corpus*, coletado especialmente para a pesquisa, é constituído por 24 entrevistas, gravadas com informantes vilaboenses, estratificados de acordo com o sexo/gênero (feminino e masculino), escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior) e faixa etária (25 a 35 anos e 36 a 50 anos). Após análise estatística dos dados no GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE, 2005), observa-se que a forma inovadora *cê* é mais frequente na fala vilaboense do que a forma conservadora *você*. Com relação às variáveis linguísticas, aquelas selecionadas como significativas pelo programa foram *tonicidade da sílaba seguinte* e *paralelismo*. Observou-se que falantes mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora na comunidade de fala investigada. Tais resultados revelam um processo de cliticização da forma, com indícios de mudança em progresso.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Vilaboense. Você. Cê.

ABSTRACT: In this article, a variationist analysis of the second person pronoun *you* and *cê* variant is developed, in the town of Goiás, a World Heritage Site and former state capital, about 140 km from Goiânia. Research by Labov (1972; 2006) was used, as a theoretical contribution, and by Faraco (1996), Nascimento (2011, 2006, 2008a, 2008b, 2009), Vitral (1996) and Scherre (2010-2013), to compare results about the variable in question in other speech communities in Brazil. The corpus, collected especially for the research, consists of 24 interviews, recorded with vilaboense informants, stratified according to gender (female and male), education (High School and Higher Education) and age group (25 to 35 years old) and 36 to 50 years). After statistical analysis of the data in GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE, 2005), it is observed that the innovative way you are more frequent in Vilaboense speech than the conservative way you. With regard to linguistic variables, those selected as significant by the program were the stress of the next syllable and parallelism I. It was observed that younger speakers tend to use the innovative form more in the investigated speech community. Such results reveal a process of cliticization of the form, with signs of change in progress.

KEYWORDS: Variation. Vilaboense. You. Cê.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina (patriciabernardes@yahoo.com.br).

² Doutora em Letras. Professora do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina (vieirasmarilia@gmail.com).



INTRODUÇÃO

A Cidade de Goiás é um município brasileiro, antiga capital do estado de Goiás, que, originalmente, chamava-se Vila Boa de Goiás. Localizada a 140 km de Goiânia, é uma cidade turística, que foi reconhecida como patrimônio histórico e cultural mundial por sua arquitetura barroca peculiar, suas tradições culturais seculares e pela paisagem típica do cerrado brasileiro.

Explorando esta comunidade, a presente pesquisa analisa a variação do pronome de segunda pessoa *você* e da sua variante, *cê*. Tal tema tem sido objeto de intensa pesquisa sociolinguística nas últimas décadas, no Brasil. Diante disso, surge a necessidade de se investigar o uso do pronome e de sua variante em amostras de fala da Cidade de Goiás.

A maioria dos trabalhos que abordam esse fenômeno estão concentrados em Minas Gerais (RAMOS, 1997, 2000; ALVES, 1998; COELHO, 1999; PERES, 2006; GONÇALVES, 2008) e em Brasília (ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, 2007; QUEIROZ-ANDRADE, 2010). Além desses, foram desenvolvidas pesquisas no Rio de Janeiro (PAREDES SILVA, 2003); em Santos (MODESTO, 2006); em estados da região Sul (LOREGIAN-PENKAL, 2004; BOLIVAR, 2008), Norte (MARTINS, 2010) e do Nordeste do país (SCHERRE, 2010 - 2013). No estado de Goiás, contudo, não se registram estudos sobre o assunto.

A pesquisa proposta é relevante na medida em que vem contribuir para o avanço de análises e da descrição da variedade goiana, em especial, da vilaboense, bem como para o entendimento da variação no uso dos pronomes de segunda pessoa no Brasil.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma análise em tempo aparente, com entrevistas coletadas com 24 informantes nativos da Cidade de Goiás (vilaboenses), estratificados de acordo com as variáveis sexo/gênero, faixa etária (25 a 35 anos e 36 a 50 anos) e escolaridade (Ensino Médio e Superior), por meio das quais foi possível extrair ocorrências das variantes em estudo:

- (1) não nenhum centro esportivo nem poliesportivo nem uma quadra de futebol nem nada lá no meu bairro lá quando **você** vê as pessoas reunidas é nas áreas das casas mais (GOMC45- Lúcio)
- (2) na verdade o tempo era melhor que hoje porque a gente não conhecia maldade... **você** tinha hora pra sair a sua mãe não preocupava em hora de voltar porque ela sabia que **cê** tava seguro onde **cê** tivesse eu tenho saudade de quando eu sentava pra escutar música e meu irmão dançando Michael Jackson na sala da casa lá (GOMC45- Lúcio)

Entende-se que, sob a perspectiva diacrônica, *você* e *cê* são resultados da gramaticalização da expressão *vossa mercê*, que significa *vosso favor*, *vossa graça*, empregada para se referir ao rei ou à rainha. Logo, era um item lexical, que, depois de passar por um processo de gramaticalização, passou a ser um pronome de tratamento. Em uma perspectiva sincrônica, é importante observar que a forma *cê* tem sido alvo de clicitização (processo de redução morfofonológica da forma *você* para a forma *cê*) (VITRAL 1996, 2006b; RAMOS, 1997) , conforme a escala proposta por Hopper e Traugott (1993): item lexical > item gramatical > clítico > afixo flexional.

Logo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar, a partir da compreensão do percurso diacrônico das formas de segunda pessoa do singular no português, quais são as variáveis que influenciam a escolha do pronome *você* ou da variante *cê* pelos falantes vilaboenses. Os objetivos específicos são compreender se há, na comunidade estudada, uma variação estável ou uma mudança em progresso e se o panorama sociolinguístico da Cidade de Goiás se assemelha ao de outras variedades de fala do Português Brasileiro (doravante PB).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa se orienta pelo aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), a teoria nasceu em um momento sócio-histórico em que a Linguística havia sido inicialmente dominada pelas ideias de Saussure (início do século XX) e, mais tarde, por Chomsky (por volta dos anos



60 do século XX). Tanto Saussure quanto Chomsky, no entanto, privilegiaram os estudos linguísticos focados em fatos internos das línguas.

As primeiras pesquisas sociolinguísticas surgiram na década de 50, como a tese de doutorado de Weinreich em 1951. Foi a partir das pesquisas de William Labov (1966) que a Sociolinguística se estabeleceu como teoria e metodologia para a investigação da língua em uso, privilegiando não somente fatos internos, mas também externos à língua.

Os estudos de Labov não se situam à margem de uma linguística da língua, uma vez que ele considera que esta só tem sentido num contexto social. Diferentemente de Saussure e Chomsky, Labov quer buscar a estrutura heterogênea da língua falada por uma comunidade ou grupo social. Seu foco de interesse são as formas alternativas de se dizer a mesma coisa, permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos. Segundo Menom e Penkal (2012, p.225), “Labov busca mostrar que a variação é sistemática e previsível. Logo, há diferenças entre utilizar os dados de uma língua efetivamente em uso nas comunidades de fala e uma ciência da “parole” ou uma ciência do ‘desempenho’, que trabalha com uma língua ‘ideal’”.

Para Labov (1966), a variação e as estruturas heterogêneas são fenômenos naturais nas comunidades de fala e estruturação não significa homogeneidade. Para isso, o linguista formaliza todo um instrumental teórico e metodológico para tratar a variação.

Para tratar da variação inerente às línguas, Labov (1969) amplia o conceito de regra da gramática para instaurar o de regra variável. Segundo o linguista, a regra variável deve ter frequência de uso expressiva e estar sujeita à interferência tanto de fatores linguísticos (fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos), quanto de fatores sociais (faixa etária, sexo, grau de escolarização, etnia, etc.). Portanto, uma vez detectada a variação e examinados os contextos em que ela se insere, os fatores condicionantes podem apresentar um padrão elevado de sistematicidade, evidenciados pelos resultados do programa estatístico.

Para tanto, o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, que, nos termos de Labov (1972), tem como proposta explicar e descrever a língua, estabelecendo uma relação entre os contextos sociais e linguísticos, concebe a língua como um fato social, verificando de que maneira os fatores linguísticos (variáveis internas a língua) e os extralinguísticos (variáveis relacionadas ao falante) condicionam o fenômeno linguístico a ser estudado.

A presente pesquisa também dialoga com estudos que se dedicam ao pronome de segunda pessoa *você* e da sua variante *cê*, como: Nascimento (2011, 2006, 2008a, 2008b, 2009), Vitral (1996), Scherre (2010 - 2013) e Gonçalves (2008).

VOSSA MERCÊ

A forma de tratamento *Vossa Mercê* substituiu o pronome de tratamento *vós*, empregado para se referir à figura real ou aos membros da nobreza. O uso do pronome *vós* cai em desuso no final do século XIX, conforme afirma Lopes (2003). Já *Vossa Mercê* surge na primeira fase do século XVIII, com declínio no final desse século.

Com a ascensão da burguesia, o enfraquecimento da nobreza feudal, e com o fato de Portugal ter se tornado uma grande potência mundial, devido às grandes descobertas e ao comércio marítimo, registraram-se fortes mudanças na vida social e cultural da corte, transformando o rei em uma figura única. Assim, houve a necessidade de destacar essa importância, exigindo-se, assim, uma forma diferenciada de tratamento para se referir ao rei, lacuna preenchida pela forma *Vossa Mercê*.

Primeiramente, foi usada a forma *Vossa Mercê*, depois, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza* e, por último, *Vossa Majestade*. Luz (1956, p. 320) afirma que essas três últimas formas evidenciavam outras qualidades do rei, por isso, substituíram-nas por *Vossa Mercê*, pelo fato de que esta exprime melhor sua magnificência.

Segundo Nascentes (1956), o declínio de *Vossa Mercê* para o modo de tratamento real (reis e rainhas) se deu pelo o seu uso para as outras figuras da aristocracia portuguesa (duques, condes), assim, *Vossa Mercê* passou a ser usado como

forma de tratamento para a burguesia e posteriormente para qualquer português que não fosse íntimo.

Conseqüentemente, foram surgindo outras variantes morfofonológicas, como *vossancê* e *ocê*. Conforme Menon (1995), essa mudança é o processo de pronominalização da locução nominal de *vossa mercê* resultando no pronome *ocê*.

VOCÊ

Segundo Faraco (1996), a entrada dos pronomes *vossa mercê* e *ocê* no sistema pronominal do Português se deu de uma forma um pouco diferente, uma vez que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, a forma *vossa mercê* já não apresentava o mesmo caráter semântico do Português Europeu, em que era usada para se referir ao rei ou à rainha. Aqui, já era empregada de modo generalizado pelos portugueses que para cá, vieram. Além disso, o pronome *vós* encontrava-se em processo de arcaização.

Salles (2001) afirma que o pronome de tratamento *ocê* é documentado no séc. XIX, em uma etapa do percurso diacrônico da forma nominal *vossa mercê* (séc. XIV), identificando o fenômeno denominado gramaticalização. No caso específico do *ocê*, houve não só a perda do sentido original, com o desenvolvimento de novos sentidos, como também a redução fonológica da antiga forma.

Faraco (1996), além de mostrar como fatos socioculturais desencadeiam mudanças linguísticas, aponta “mal-entendidos” dos gramáticos, que, equivocadamente, continuam a classificar *cê* como erro e a apresentar realidades do português arcaico como modelos a serem seguidos no ensino da forma padrão nas escolas. Nas palavras do autor:

Os gramáticos se comportam como se pudéssemos ignorar seis séculos de história, seis séculos em que a mudança nas formas de tratamento acabou resultando em grandes modificações dos paradigmas verbais e pronominais do português e, até mesmo, de alguns aspectos da estrutura sintática (FARACO, 1996, p. 21).

Observa-se, pois, não somente uma mudança quanto aos pronomes no PB, mas também em relação ao paradigma de conjugação verbal.

Segundo Hopper & Traugott (1993), o processo que envolve as formas *vossa mercê* > *você* > *ocê* > *cê*, pode ser descrito como processo de gramaticalização. De acordo com Vitral (1996, p. 116), essa noção pode ser definida “como a ampliação dos limites de um morfema cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional”. Em outras palavras, a gramaticalização é a mudança do termo lexical para uma função gramatical e, nessa mudança, ele perde o seu significado original.

CLITICIZAÇÃO

Vitral (1996, 2001, 2002) defende que as formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* estão em processo de cliticização. Nas palavras dele, o *cê* parece estar se comportando como clítico nominativo, por apresentar alta frequência de ocorrência em posições contíguas ao verbo. No entanto, esse item pronominal apresenta características atípicas em relação aos demais clíticos do português, já que admite a não-adjacência estrita ao verbo, pela presença de negação e advérbios, como pode ser observado no exemplo abaixo:

- (3) é mais perto é menos cansativo entendeu é menos exaustivo aqui **cê** consegue fazer as coisas **cê** produz só que assim mais tranquilo *cê* num tem aquela coisa sabe? É mais assim não é tão cansativo mais *cê* consegue produzir ao mesmo tempo. (GOF20 - Amanda)
- (4) se fosse no horário assim a noite eu conversaria com **você** falava assim olha já são dez horas da noite amanhã eu tenho que trabalhar cedo mas (GOF35 - Maria)

Conforme os excertos acima, pode-se observar que, em (3) e (4) o *cê* admite a adjacência com os verbos “conseguir” e “falar”, ou seja, está se comportando como um clítico nominativo. Já no excerto (5), não admite adjacência com verbo, devido à presença do advérbio de negação *não*, ao lado do pronome *cê*.



- (5) acho que *cê* não ia conseguir me enlouquecer eu sou tranquilo.
(GOMS24 - Muriel)

Vitral e Ramos (1999) adotam a perspectiva de que *cê* enquadra-se na categoria dos novos clíticos do PB, de caso nominativo. Para os dois autores, *cê* é resultado de reduções morfofonológicas advindas da gramaticalização da forma *vossa mercê*. Os autores discutem sobre a modificação semântica e afirmam que a gramaticalização de lexemas “implica na perda de conteúdo semântico e também na perda de substância fônica” (VITRAL; RAMOS, 1999, p. 1).

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, foi coletado um *corpus* constituído por 24 informantes vilaboenses, que nasceram ou se mudaram para a Cidade de Goiás com até dois anos de idade. Para tanto, foram adotados os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista para descrever a variação linguística. O *corpus* foi estratificado de acordo com o sexo/gênero (masculino e feminino); escolaridade (Ensino Médio e Superior) e faixa etária (20 a 35 anos e 36 a 50 anos).

A metodologia utilizada para a abordagem dos vilaboenses foi a *amigo de amigo* (MILROY, 2004), em que no final da entrevista o informante indica um conhecido para outra entrevista e, assim sucessivamente. Segundo Freitag e Freitag (2014), essa indicação precisa de um distanciamento social, que é medida por uma escala de graus 1 a 5, em que 1 corresponde ao grau de maior proximidade e o grau 5 de menor proximidade com o documentador.

O roteiro das entrevistas que compõe a amostra é de mais ou menos 56 inquéritos, em formato de diálogo, com perguntas entre o informante e o documentador. A elaboração desse roteiro teve como objetivo formular perguntas que pudessem servir como gatilhos para capturar o maior número possível de ocorrências da forma *você* e *cê*, com referência genérica e específica.



As entrevistas foram gravadas, primeiramente, em um notebook e, posteriormente, no celular e salvas em áudio digital (.wav). As gravações foram realizadas no local de trabalho ou na casa do informante, de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Os áudios resultaram em mídias com aproximadamente 60 minutos.

Antes da gravação, a documentadora preencheu a ficha social do informante, com informações pessoais. Logo no início, foi informado ao voluntário que a entrevista seria gravada e que, posteriormente, ele teria que assinar um termo de consentimento e preencher um questionário socioeconômico.

Todos esses critérios foram cuidadosamente respeitados para garantir que fosse registrada a fala menos monitorada dos informantes e para reduzir os impactos do paradoxo do observador (LABOV, 2008).

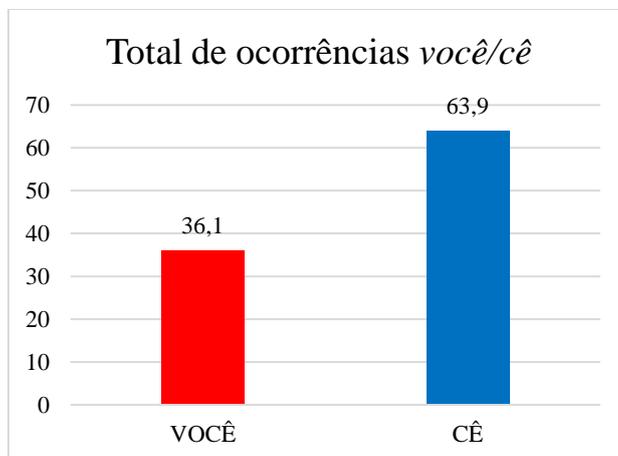
A transcrição das entrevistas foi realizada de modo semiortográfico, de acordo com as normas do Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012). O objetivo da transcrição é transpor a língua falada para o texto escrito de uma forma fiel à língua oral, mas inteligível.

Para facilitar a estratificação das ocorrências nas variáveis linguísticas e sociais, optou-se pela elaboração de uma planilha no programa Excel.

ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, vale ressaltar os resultados relacionados à frequência das variantes. Como se pode observar, no gráfico abaixo, a forma mais usada pelos falantes vilaboenses é o pronome *cê*:

Gráfico1: Ocorrências gerais de *você* e *cê*



Fonte: Elaboração própria.

Com relação aos dados das variáveis linguísticas, tem-se que a tonicidade da sílaba seguinte favorece o uso da forma reduzida *cê*, tal como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1: Tonicidade da sílaba seguinte

CÊ			
Tonicidade da sílaba seguinte	Nº/Total	%	P.R.
Tônica	121/187	64,7	.50
Átona	35/68	51,5	.37
Mediana (tá/num)	29/35	82,9	.73
Total	185/290		

Fonte: Elaboração própria.

Dentre as variantes, a sílaba mediana é a mais expressiva, com peso relativo .73. A tônica, por sua vez, se mostra neutra, com peso relativo .50. Em um primeiro momento, é possível pensar que *num* e *tá* seriam tônicos (e não com tonicidade

intermediária). Contudo, tal fato não explica por que esses contextos são mais favoráveis ao uso de *cê* do que os outros dois.

Para a variante *paralelismo*, foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 2: Paralelismo

CÊ			
Paralelismo (pronominal)	Nº/Total	%	P.R.
Isolada	5/7	71,4	.57
1ª em série	105/161	65,2	.50
2ª em série, anterior a você	10/25	40	.26
2ª em série, anterior a cê	27/36	75	.62
3ª ou + em série, anterior a você	3/16	18,8	.11
3ª ou + em série anterior a cê	2/22	90,9	.84
3ª em série mista cê-você	8/13	61,5	.46
3ª em série mista você-cê	7/10	70	.56
Total	186/291		

Fonte: Elaboração própria.

Diante dos resultados apresentados na tabela (2), verifica-se que a posição que mais favoreceu o uso da variante reduzida foi *3ª ou mais em série anterior a cê*, com peso relativo (.84). A variante *2ª em série anterior a cê* também favorece a forma reduzida (.62), assim como *3ª em série mista você-cê* (.56), assim constata-se que quando se usa o pronome reduzido *cê* em uma frase, predominará nas séries a forma reduzida, o que confirma o que Par Scherre (1998), quando uma forma pronominal é utilizada, o falante tende a continuar empregando-a nas orações seguintes.

Verifica-se, por meio dos resultados dos dados, que a variável extralinguística

que mais favoreceu o uso da forma reduzida *cê* foi a faixa etária, como pode ser verificado na tabela abaixo:

Tabela 3: Faixa etária

CÊ			
Faixa etária	Nº/Total	%	P.R.
25 a 35 anos	64/86	74,4	.62
36 a 50 anos	121/204	59,3	.45
Total	185/290		

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se, na tabela acima, que a variante *cê* é mais comum entre os falantes entre os mais jovens, com peso relativo de .62, e os mais velhos com peso relativo de .59,3. Os mais jovens são mais favoráveis à forma inovadora, o que permite sinalizar uma possível mudança em progresso na Cidade de Goiás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar que as considerações deste artigo são apenas parciais, tendo em vista que, aqui, apresenta-se apenas um recorte de uma pesquisa em andamento. Os resultados remetem a um estudo sociolinguístico sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular *você* e *cê* na Cidade de Goiás, a partir de um corpus coletado com 24 informantes.

Analisando-se os dados gerados a partir do GoldvarbX, percebe-se que a forma reduzida *cê* é a mais usada nos informantes mais jovens, que são mais favoráveis à forma inovadora, ao passo que os mais velhos são mais conservadores. Verifica-se que as variáveis tonicidade da sílaba seguinte e paralelismo mostraram-se favorecedoras da forma reduzida *cê*. Em tonicidade da sílaba seguinte, a sílaba mediana favorece o uso de



cê, um resultado até então inconclusivo e que sugere a realização de análises subsequentes. Em *paralelismo*, o pronome reduzido tende a ocorrer quando antecedido por ocorrências anteriores da mesma forma.

É possível afirmar que está ocorrendo um processo de mudança da forma pronominal plena *você* para a forma reduzida *cê* na comunidade de fala vilaboense. Verifica-se, então, uma convergência em relação aos resultados obtidos por Ramos (2000), em Belo Horizonte-MG, por Gonçalves (2008) em Arcos-MG e também por Nascimento (2011) na cidade de São Paulo, comunidade de fala onde se nota, à semelhança da Cidade de Goiás, uso mais frequente da variante *cê* por falantes mais jovens, com tendência à cliticização da forma.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilton A. **As formas você e cê e a indeterminação do sujeito no português brasileiro**. UFMG, Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998, 93 f.
- ANDRADE, Adriana Lília V. S. de. **A variação de você, cê, ocê no português brasileiro falado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- BOLÍVAR, Thiago M. V. **A Forma VOCÊ em interações comerciais em Porto Alegre, RS**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP, Campinas/SP, 2008, 638 f.
- COELHO, Maria do S. V. **Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas**. UFMG. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999. 85 f
- DIAS, E. P. **O uso do tu no português brasileiro falado**. Brasília: UnB. Dissertação de Mestrado em Linguística, inédito, 2007.
- FARACO, C. A. O tratamento de **você** em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**. Curitiba, Ed. da UFPR, no 13, p. 51-82, 1996.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; CYRANKA, Lúcia Mendonça. Sociolinguística Variacionista e Educacional: tendências metodológicas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (orgs.). **Ciências da Linguagem: o fazer científico**, vol. 2. Campinas, Mercado de Letras, 2014, p. 149 – 280.



- GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português.** Tese de doutorado em linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, USP, 2008.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization.** Cambridge University Press, Cambridge, 1993.
- LABOV, W. **The social stratification of English in New York City.** Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. **The logic of nonstandard English.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1969.
- LABOV, W. **Language in the inner city.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPES, Célia R. S., DUARTE, Maria Eugênia L. **De vossa mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas.** In: BRANDÃO, Sílvia F., MOTA, Maria Antônia (orgs.). **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos.** Rio de Janeiro: infólio, 2003, pp. 61-76.
- LUCCA, Nívia Naves G. **A variação tu/você na fala brasiliense.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2005.
- LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004. Tese de Doutorado em Letras, inédito.
- LUZ, Marilina dos Santos. Fórmulas de tratamento do português. In.: **Revista Portuguesa de Filologia.** Coimbra, v. II, T. I, II, 1956, pp. 256-363.
- MARTINS, Germano Ferreira. **A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas.** Dissertação (Mestrado). Brasília: Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2010.
- MENDES, Ronald B.; OUSHIRO, L. **Documentação do Projeto SP2010: Construção de uma amostra da fala paulistana,** 2013. Disponível em: <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>.
- MENON, O. P. S. O sistema pronominal do Brasil. **Revista Letras,** Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.
- MENON, O. P. S.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.). **Variação e mudança no português falado na região Sul.** Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-192.
- MENON, O. P. S.; LOREGIAN-PENKAL. **Você, ocê (?) e cê em Curitiba, Paraná.** *Estud. Ling., Londrina,* n. 15/1, p. 223-243, jun. 2012.
- MILROY, Leslie. Social networks. In: Chambers, J.K., P. Trudgill & N. Schilling-Estes (eds.) **The Handbook of Language Variation and Change.** Oxford: Blackwell, 2004.
- MODESTO, Artarxerxes T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a**



alternância tu/você na cidade de Santos-SP. USP. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, 140f.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de “você” no Brasil. In: **Letras**. Curitiba/PR: Ed. UFPR, v.6, n.05, p. 114-122, 1956.

NASCIMENTO, Ivanete Belém do. O uso variável do **você** no português. In: **54o Seminário do GEL**, Araraquara/SP. Caderno de Resumos, 2008.

NASCIMENTO, Ivanete Belém do. A variação **você vs. cê** na cidade de São Paulo. In: **56o Seminário do GEL**, São José do Rio Preto/SP. Caderno de Resumos, 2008a.

NASCIMENTO, I. B. do. O uso variável de **você** na cidade de São Paulo. Relatório Final de Iniciação Científica (Bolsista CNPq), 2008b.

NASCIMENTO, I. B. do. **Cê num tá** se cliticizando? – Processos de cliticização e mudança linguística no PB. In.: VI Congresso Internacional da ABRALIN, João Pessoa. Anais - VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa: Ideia, v. 1, 2009.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, p.160-169.

PERES, Edenize Ponzio. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: Um estudo em tempo aparente e em tempo real**. Tese de Doutorado. Minas Gerais: UFMG, 2006.

QUEIROZ-ANDRADE, Carolina. **Tu e mais quantos? – A segunda pessoa na fala brasiliense**. Dissertação (Mestrado). Brasília: Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2010.

RAMOS, Jânia. **O Uso das Formas você, ocê e cê** no Dialeto Mineiro. In.: HORA, D. da. **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997, p. 43-60.

RAMOS, Jânia. O surgimento de um novo clítico no português Brasileiro: análise quantitativa e qualitativa da forma **cê**. In.: GÄRTNER, E. et al. (eds.) **Estudos de Sociolinguística Brasileira e portuguesa**, Frankfurt am MAIn: TFM, v. 15, 2000, p. 181-189.

RAMOS, J. História social do português brasileiro: perspectivas. In: CASTILHO, A. **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 159-178.

SALLES, Miguel. **Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro**: um estudo de pragmática histórica. USP, Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001, 246f.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo Linguístico. In.: **Revista de Estudos da Linguagem** (vol. 7 – n. 2). Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte – MG,



jul./dez, 1998.

SCHERRE, M. M. P. **Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro.** Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq para o triênio 2010-2013, em parceria com o Prof. Dr. Anthony Julius Naro (inédito), 2010-2013.

VITRAL, Lorenzo. A Interpolação de **se** e suas consequências para a teoria da Cliticização. In.: VITRAL, L. & RAMOS, J. (orgs.) **Gramaticalização: uma abordagem Formal.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006b.

VITRAL, Lorenzo. A forma **cê** e a noção de gramaticalização. In.: **Revista de Estudos da Linguagem.** (ano 5, no 4, v. 1). Minas Gerais: Faculdade de Letras da UFMG, 1996.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. Gramaticalização de **você**: um processo de perda de informação semântica? In.: VITRAL, L. & RAMOS, J. **Gramaticalização – uma abordagem formal.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/ UFMG, 2006.

VITRAL, L. & RAMOS, J. (orgs.) **Gramaticalização: uma abordagem Formal.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 1999.

VITRAL, Lorenzo. Ramos, Jânia M. Gramaticalização de **você**: um processo de perda de informação semântica? In: **Filologia e Linguística Portuguesa.** São Paulo: Humanitas, 1999, n. 3, pp. 55-64.

VITRAL, Lorenzo. Sintaxe formal e gramaticalização: roteiro de pesquisa. In: NICOLAU, Eunice (org.). **Estudos sobre a estrutura gramatical da linguagem.** Belo Horizonte: FALE: 2001, pp. 59-86. [L] [SEP]

VITRAL, Lorenzo. **Identificando Clíticos: evidências fonéticas.** In.: **Anais do 50º Seminário do GEL.** (Caderno de Resumos), 2002.

WEINREICH, U., LABOV, W.; & HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola. (Tradução de Marcos Bagno), 2006.

Recebido Para Publicação em 10 de abril de 2020.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2020.